

coleção  
**Saberés Pretos**



Mulher  
**quilombola**  
protagonismo e cuidado



ASSOCIAÇÃO DE COMUNIDADES REMANESCENTE DE QUILOMBOS  
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



**Licença KOINONIA:**  
Licença CC BY-NC-SA 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>



**Edição e organização:**  
Rafael Soares

**Redação:**  
Beatriz Nunes, Lucimara Muniz, Pedro Rebelo, Rafa Quilombola e Sandra Andrade

**Projeto gráfico e diagramação:**  
Siano Editora

**Revisão:**  
Ana Letícia Ribeiro

**Fotos:**  
As fotos usadas nessa revista são meramente ilustrativas, provenientes de bancos de imagens - Pixabay - Unsplash - Elements Envato

**Parceria:**  
Associação das Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro (Acquilerj) e KOI-NONIA Presença Ecumênica e Serviço

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mulher quilombola [livro eletrônico] : protagonismo e cuidado / organização Associação dos Remanescentes de Quilombos do Estado do Rio de Janeiro. -- Rio de Janeiro, RJ : Koinonia Presença Ecumônica e Serviço, 2022. -- (Saberes pretos)

PDF

ISBN 978-65-992298-6-2

1. Ancestralidade 2. COVID-19 - Pandemia - Aspectos sociais 3. Mulheres negras - Condições sociais 4. Protagonismo 5. Quilombolas - Brasil 6. Quilombolas - Rio de Janeiro (Estado) I. Associação dos Remanescentes de Quilombos do Estado do Rio de Janeiro. II. Série.

22-120586

CDD-305.8

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Mulheres quilombolas : Protagonismo : Ciências sociais 305.8

A Coleção Saberes Pretos dialoga com a vasta sabedoria ancestral e atual, produzida e impulsionada por Comunidades Negras Tradicionais acerca da natureza, do cotidiano e da humanidade e sua interação com o meio em que vive. Seus produtos sistematizam os compartilhamentos possíveis desses saberes.





Esta edição, escrita por muitas mãos, coloca no papel as vozes de mulheres pretas quilombolas, reunidas em formato virtual no dia 20 de janeiro de 2022 durante o **Encontro de Mulheres da Acuilerj**. Entre as comunidades do Rio de Janeiro representadas estiveram mulheres dos quilombos: ABC – Aleluia, Batatal e Cambucá; Cruzeirinho, Dona Bilina, Fazenda Espírito Santo, Ferreira Diniz, Maria Conga, Maria Joaquina, Machadinha, Rasa, Santa Justina, Santa Rita do Bracuí e Sobara. Também estiveram presentes as comunidades Santa Terezinha do Peri (Amazonas) e (Comunidade de Sergipe). Além das comunidades, a reunião contou com a participação da CONAQ, da Rede Dandara e do Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos do Estado do Rio de Janeiro.

KOINONIA participou como entidade observadora e agora disponibiliza um resumo dos principais assuntos abordados no encontro em formato de textos reflexivos produzidos a partir das falas reproduzidas.

## Online x Presencial: Os desafios de uma Pandemia que ainda não acabou.

**“As mídias digitais ocuparam um lugar muito importante na política, e por isso é necessário a Acuilerj ocupar esse espaço.”**

*Beatriz Nunes – Presidenta Acuilerj*





A Pandemia de COVID-19 mudou completamente a realidade de nossas comunidades. Do dia para noite vimos nossa produção parar e com ela, nossa renda. A demora da chegada do Auxílio Emergencial, o desemprego e a produção parada nos deixou em situação vulnerável. As comunidades quilombolas do Rio de Janeiro foram as que mais sofreram com altos casos de contaminação e morte por COVID-19. Também foram as últimas a serem incluídas no Plano Nacional de Vacinação. Não fosse a atuação da Acuilerj e a ajuda de parceiros como KOINONIA o final desta história seria outro.

Nós, mulheres, especialmente mulheres quilombolas, estamos entre a parcela da população que mais sofreu com os efeitos da pandemia. Em jornadas que não cabiam em um dia de 24 horas seguimos na organização de nossos lares, no cuidado de nossas famílias e na luta por direitos em período que ele mais nos foi negado.

Dois anos depois, com a retomada gradativa do novo normal, seguimos vivas e com vontade de lutar ainda mais. As novas tecnologias ganharam espaço na vida que agora vivemos e dominar novas ferramentas de comunicação tem sido um desafio real para muitas mulheres quilombolas. Mas seguimos superando e aproveitando o que as novas tecnologias podem nos oferecer de melhor: encurtamento de distância.



## O Quilombo Ecoa

*Como o Quilombo pode ecoar?  
Somente quando nossas vozes se unem  
em um mesmo propósito.*

*Lucimara Muniz*

*Vice Presidenta Acuilerj*

Sabemos que nada supera a força de nos olharmos nos olhos, de nos abraçarmos e definir os caminhos de nossa luta em espaços presenciais e que a tela de um computador ou celular jamais poderão expressar aquilo que sentimos quando estamos juntas umas das outras. Mas como dissemos em nosso encontro virtual, **as mídias digitais ocuparam um lugar muito importante na política, e por isso é necessário a Acuilerj ocupar esse espaço.**



Nada tem sido tão importante quanto nos fazermos ser ouvidas na luta por nossos direitos. É tempo de fazer nossa voz ecoar. Por isso, dialogar e compartilhar têm sido as palavras que norteiam nossa caminhada enquanto mulheres pretas e quilombolas. É através do nosso diálogo e do compartilhamento de nossos saberes que geramos ideais que renovam nossa luta e nos dão mais garra para seguir em frente.

## A prática do Acolhimento

*Refletimos a necessidade da prática do acolhimento entre mulheres quilombolas a partir do texto de Fia Forsström, adaptado por Beatriz Nunes:*

*" Não foram as bruxas que queimaram.  
Foram mulheres.*

*Mulheres que eram vistas como:*

*Muito bonitas,  
Muito cultas e inteligentes,  
Porque tinham água no poço, uma bela plantação  
Que tinham uma marca de nascença,*

*Mulheres que eram muito habilidosas com fitoterapia*

*Mulheres que tinham uma forte conexão com a natureza,*

*Mulheres que dançavam,  
Mulheres que cantavam,  
**Mulheres muito quietas.***

*ou qualquer outra coisa, realmente.*

***Ruivas, Loiras, Morenas, Negras .***



*Qualquer mulher estava em risco de ser queimada nos anos 1600.*

*Mulheres eram jogadas na água e se podiam flutuar, eram culpadas e executadas. Se elas afundassem e se afogassem, eram inocentes.*

*Mulheres foram jogadas de penhascos.*

*As mulheres eram colocadas em buracos profundos no chão.*

***E hoje, em pleno Século XXI, precisamente em 2022, como estão essas mulheres?***

***Como são tratadas?***

*Por que escrevo isso?*

*Porque conhecer nossa história é importante quando estamos construindo um novo mundo.*

*Quando estamos fazendo o trabalho de cura **e resgate** de nossas linhagens, **nossas raízes** e como mulheres.*

*Para dar voz às mulheres que foram massacradas, para dar-lhes reparação e uma chance de paz.*

*Não foram as bruxas que queimaram.*

*Foram mulheres."*

Pegando carona neste texto, podemos pensar na nossa realidade enquanto detentoras de um saber ancestral que nos conecta com a terra, que floresce em nossa culinária, se expressa em nossos artesanatos, em nosso canto e até mesmo na diversidade de nosso sagrado. Esta é a nossa marca, nossa herança e a cada dia tentam tirar isso de nós. A cada dia tentam nos apagar de nossa própria História.

Assim como muitas mulheres foram queimadas em tempos e locais distantes do nosso, por aqui seguimos perseguidas pela cor de nossa pele, por nossa identidade quilombola e ancestral. Precisamos encontrar umas nas outras a prática do acolhimento, fazendo valer o pensamento em que uma sobe puxa a outra.

Ninguém melhor que nós para conhecer nossas próprias dores e nada melhor que nossos encontros para nos fazer perceber que partilhamos das mesmas dores. É tempo de perceber que precisamos uma das outras para sobreviver.





Precisamos encontrar umas nas outras a prática do acolhimento, fazendo valer o pensamento em que uma sobe puxa a outra.

## Por um Feminismo Quilombola

“Antes de lutarmos para ter acesso a emprego, ao voto e demais direitos, temos que lutar por nossa sobrevivência”

Rafa Quilombola  
Secretária de Juventude da Acquilerj

Falar de nosso autocuidado nos leva a pensar conceitos que sempre estamos habituadas a escutar, mas que praticamos ao nosso modo todos os dias e muitos antes que estes conceitos fossem criados por mulheres brancas. Nosso entendimento sobre feminismo consiste em garantir o protagonismo das mulheres no processo de emancipação não apenas nosso, mas de toda a comunidade quilombola. Consiste em novas relações estabelecidas com homens quilombolas, capazes de desconstruir as práticas estruturais do machismo que lhes foi imposto.

Não podemos ser coniventes com a romantização do estereótipo de guerreiras que jamais se abalam. Somos mulheres em luta. Sofremos, choramos, carregamos nossas dores e temores e ainda assim exercemos nossa liderança em nossos lares, em nossas comunidades, em nossos espaços de fé.



Sem dúvida, é importante que haja uma unidade nossa com todas as mulheres, em um sentido mais amplo de nossa luta, mas não podemos deixar de dizer que os exemplos tomados são sempre a partir de mulheres brancas, ainda que as mulheres pretas sejam as que mais sofram com a violência doméstica, obstétrica, salários desiguais, desemprego, violência policial, intolerância religiosa e racismo. Antes de lutarmos para ter acesso a emprego, ao voto e demais direitos, temos que lutar por nossa sobrevivência



**"Antes de lutarmos para ter acesso a emprego, ao voto e demais direitos, temos que lutar por nossa sobrevivência"**

## Empoderamento e Protagonismo da Mulher Quilombola

*"O empoderamento das mulheres quilombolas é de suma importância para o desenvolvimento de nossas comunidades."*

Sandra Andrade  
Coordenadora Executiva CONAQ

Em meio aos desafios que a pandemia nos impôs, o protagonismo das mulheres quilombolas foi fundamental para a sobrevivência das comunidades. Na luta pela inclusão dos quilombos no Plano Nacional de Vacinação, lá estavam nossas lideranças femininas liderando o processo de articulação e cobrança ao Poder Público. Na construção de parcerias e projetos com ONGs e Organizações Sociais, as mulheres quilombolas foram fundamentais para que recursos chegassem às comunidades.

Em 2015 mais de 50 mil mulheres negras estiveram em Brasília na Marcha das Mulheres Negras. Cerca de 10 mil eram quilombolas. Nós vimos que tínhamos condições de poder, condições de mudar as regras do jogo e desde então o protagonismo de nossas mulheres na luta quilombola aumentou. Sempre fomos protagonistas, mas sempre invisibilizadas. A luta é assim, como uma roda gigante. Viemos nossos altos e baixos, mas seguimos em crescimento



Precisamos nos preparar para a luta, pois ocupar espaços incomoda. Principalmente quando se trata de mulheres pretas e quilombolas. Por isso quero ver nossas mulheres formadas, em locais importantes da política e unidas. Se nós nos unirmos ninguém será capaz de nos vencer, mas se corrermos para dentro de casa, quem vai lutar por nós? **A luta é uma sobrevivência, e a gente sobrevive todos os dias**

A close-up photograph of a woman with voluminous, curly blue hair. She is shouting or singing with her mouth wide open, revealing her teeth. Her eyes are partially closed, and her eyebrows are raised. The background is dark and out of focus, showing some blurred shapes that suggest an indoor setting.

# Integração com a Juventude

*“Nós somos escolhidas para continuar a luta de Dandara”*

*Rafa Quilombola*

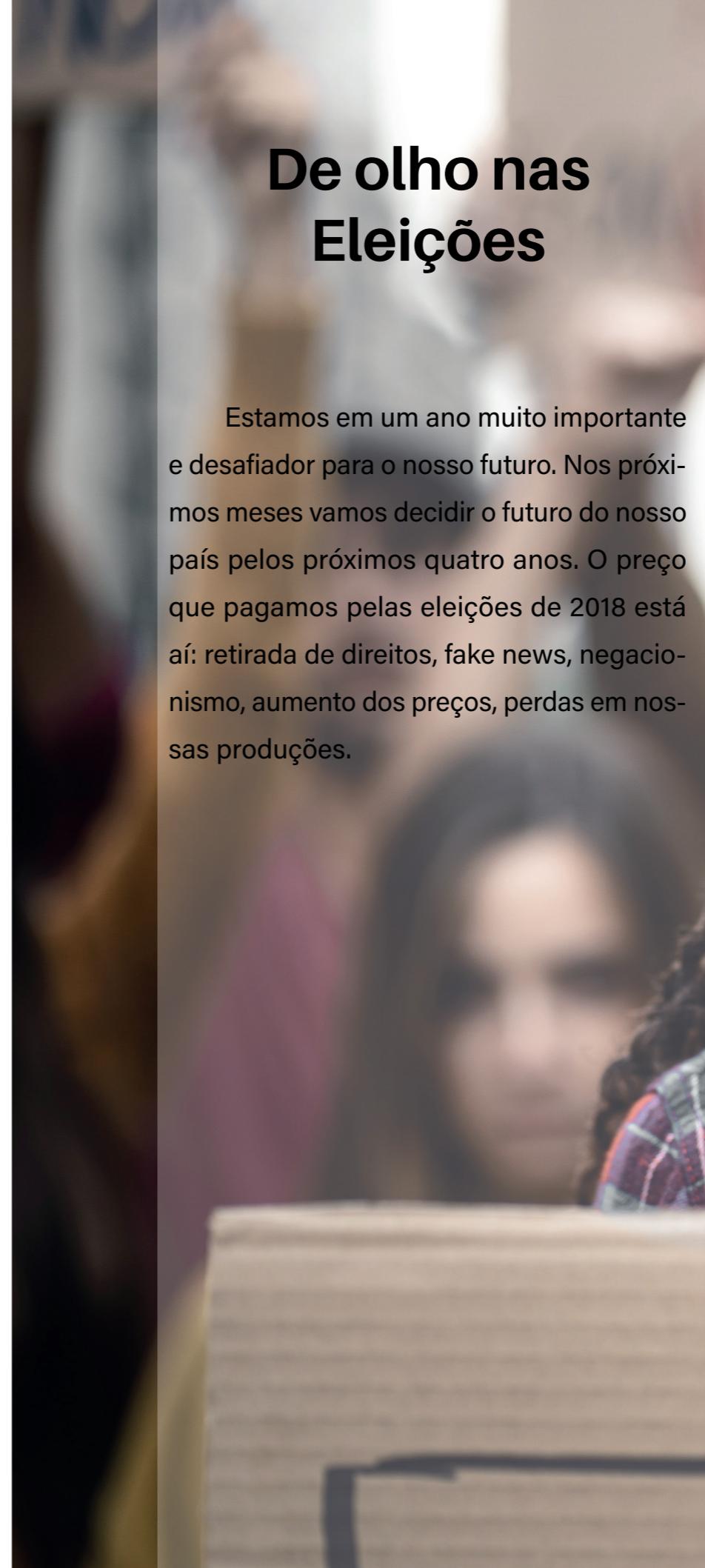
*Secretaria de Juventude da Acquilerj*



## De olho nas Eleições



Muito se fala da figura de Zumbi dos Palmares, mas além de Zumbi existem mulheres sem as quais a luta não seria possível, como Dandara. Mulheres que começaram a luta muito cedo, ainda jovens e por isso é importante que a juventude não seja vista como cota nos espaços institucionais de luta. Sou jovem, mas também sou mulher quilombola. E em cada canto deste país há uma mulher quilombola da minha geração que está lutando pelo direito de todas. **Nós somos escolhidas para continuar a luta de Dandara!**



Estamos em um ano muito importante e desafiador para o nosso futuro. Nos próximos meses vamos decidir o futuro do nosso país pelos próximos quatro anos. O preço que pagamos pelas eleições de 2018 está aí: retirada de direitos, fake news, negacionismo, aumento dos preços, perdas em nossas produções.

Se já não bastasse o fato de nenhuma Comunidade Quilombola ter sido titulada no atual governo, o orçamento aprovado para 2022 cortou verbas e vetou recursos já aprovados para o reconhecimento e indenização de territórios quilombolas.

Derrotar o projeto de Bolsonaro é essencial, mas é preciso garantir que nos escutem. Queremos real participação em um projeto capaz de derrotar os retrocessos deste governo. Algumas composições políticas, com pessoas que estiveram em lado oposto ao nosso, nos trazem preocupações importantes. Somos mais de 1 milhão de quilombolas por todo o Brasil vivendo e cerca de 3475 comunidades espalhadas por todo o país.

No Rio de Janeiro, a Acuilerj tem 52 comunidades mapeadas, por isso também precisamos nos preocupar com o futuro do nosso Estado. É hora de ocuparmos os espaços da política e elegermos representantes quilombolas para os espaços de decisão!



KOI  
NO  
NIA

actaliança

